

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

**AGROINDÚSTRIAS FAMILIARES NO SUL DO BRASIL: UM ESTUDO COMPARATIVO<sup>1</sup>**  
**FAMILY AGRO INDUSTRIES IN SOUTHERN BRAZIL: A COMPARATIVE STUDY**

**Erica Karnopp<sup>2</sup>, Augusto Fischer<sup>3</sup>, Rógis Juarez Bernardy<sup>4</sup>, Silvio Santos Junior<sup>5</sup>, Virginia Elisabeta Etges<sup>6</sup>, Olgário Paulo Vogt<sup>7</sup>**

<sup>1</sup> Pesquisa institucional desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional - Mestrado e Doutorado (UNISC) Financiada pelo CNPq.

<sup>2</sup> Doutora em Geografia pela Universität Tübingen - Alemanha. Docente e Pesquisadora do Departamento de História e Geografia e Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional Mestrado e Doutorado da UNISC. E-mail: erica@unisc.br

<sup>3</sup> Doutor em Administração pela Universidade de São Paulo. Docente e Pesquisador da Área das Ciências Sociais Aplicadas e do Mestrado Profissional em Administração da Universidade do Oeste de Santa Catarina ? UNOESC. E-mail: augusto.fischer@unoesc.edu.br

<sup>4</sup> Doutor em Engenharia Civil pela Universidade Federal de Santa Catarina. Docente e Pesquisador da Área das Ciências Sociais Aplicadas e do Mestrado Profissional em Administração da Universidade do Oeste de Santa Catarina ? UNOESC. E-mail: rogis.bernardy@unoesc.edu.br

<sup>5</sup> Doutor em Agronegócios pela UFRGS. Docente e Pesquisador da Área das Ciências Sociais Aplicadas, do Mestrado Profissional em Administração e do Doutorado em Administração da Universidade do Oeste de Santa Catarina ? UNOESC. E-mail: silviosantos.junior@unoesc.edu.br

<sup>6</sup> Doutora em Geografia pela Universidade de São Paulo. Docente e Pesquisadora do Departamento de História e Geografia e Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Regional Mestrado e Doutorado da UNISC. E-mail: etges@unisc.br

<sup>7</sup> Doutor em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul. Docente e Pesquisador do Departamento de História e Geografia e Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional Mestrado e Doutorado da UNISC. E-mail: olgario@unisc.br

## Resumo

Este artigo analisa as agroindústrias familiares, a partir de um estudo comparativo das regiões do Vale do Rio Pardo/RS (VRP) e Oeste Catarinense/SC (AMOSC), ambas no sul do Brasil. Para o desenvolvimento, utilizou-se a abordagem qualitativa e o método do estudo multicaso exploratório. A população é de 257 agroindústrias familiares distribuídas em 42 municípios, das quais foram coletados dados por meio de questionário, de 74 agroindústrias familiares. A constituição das agroindústrias tem mais de 25 anos em média no VRP, e menos de 25 anos na AMOSC. Em ambas as regiões as atividades agroindustriais se estruturam no contexto familiar, com passagem de conhecimentos entre gerações, e utilização prioritária de mão de obra familiar. No VRP as agroindústrias são mais individualizadas e motivadas pelo aumento de renda familiar. A AMOSC apresenta maior propensão para cooperação entre as agroindústrias.

Palavras-Chave: Desenvolvimento Regional; Agroindústrias Familiares; Agricultura Familiar.

## Abstract

This work analyzes the family agro industries, from a comparative study in the regions of Vale do Rio Pardo, in state of Rio Grande do Sul (VRP), and in the west of Santa Catarina (AMOSC), both in southern Brazil. For development, were used the qualitative approach and the exploratory multiple case study method. For population of 257 family agroindustries distributed in 42 municipalities, were data were collected through a questionnaire, of 74

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

family agroindustries. The constitution of the agroindustries has more than 25 years on average in VRP, and less than 25 years in AMOSC. In both regions the agroindustrial activities are structured within the family, passing of knowledge between generations, and priority use of family labor. In VRP agro industries are more individualized and driven by increasing family. In AMOSC there is a greater tendency for cooperation between agroindustries.

Keywords: Regional Development; Family Agroindustries; Family Farm.

## Introdução

Vários estudos buscam evidenciar os aspectos positivos da forma de organização da produção agropecuária familiar, a qual se desenvolve por meio do sistema associativo, destacando sua capacidade de resposta às políticas públicas voltadas para a agricultura familiar ([ALVES, et al, 2009](#)). Mas, quando se observa de forma mais atenta os mecanismos de comercialização ou de industrialização da produção, percebe-se uma subordinação dos agricultores às grandes empresas, vinculadas ao processo da Revolução Verde, que atuam fortemente à montante e à jusante da produção agrícola (CASTILLO; FREDERICO, 2010; [ALVES, et al, 2009](#)). Neste sentido, as particularidades da agricultura familiar, sua fragmentação em diversas tipologias e sua irregular organização política e produtiva constituem desafios, cujo enfrentamento deve envolver os próprios agricultores, as políticas públicas e as Universidades que precisam se aproximar desta realidade, para poder colaborar na construção de práticas sustentáveis ([ALVES, et al, 2009](#)).

Contudo, constata-se que o modelo de desenvolvimento econômico construído a partir da década de 1950, por meio da implementação da Revolução Verde e do respectivo pacote tecnológico, foi pautado em uma política homogeneizadora que, por muitos anos, ocultou a capacidade dos agricultores de organizarem e administrarem sua produção, fragilizando ou retirando-lhes poder de decisão e colocando-os como meros receptores de tecnologias e políticas. Embora este processo tenha efetivamente aumentado a produtividade agrícola, trouxe desdobramentos sociais mais evidentes, como: a redução da capacidade organizativa dos agricultores, e da capacidade de gestão de sua produção; o reforço da dependência técnica dos agricultores, a instituições ou a grandes empresas; o crescimento da marginalização dos pequenos agricultores (BUAINAIN; ROMEIRO; GUANZIROLI, 2003).

No entanto, a Revolução Verde não foi pacificamente absorvida pelos agricultores, e

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

processos de resistências e construção de alternativas foram desenvolvidos em diferentes momentos com resultados distintos. Em todos os processos se observa uma maior ou menor capacidade das lideranças dos agricultores na análise da realidade e de construção das respostas adequadas ao modelo de desenvolvimento estabelecido (PLOEG, 2006).

Entre as formas de resistência e busca de alternativas para o desenvolvimento das regiões surge o número crescente de agroindústrias familiares, que vêm sendo constituídas em todo país, especialmente na região Sul. No entanto, como são na sua maioria, agroindústrias de pequeno porte, as mesmas estão sujeitas enormes dificuldades para sua organização e em sua gestão, o que compromete a sua sustentabilidade. Este cenário pode se agravar, uma vez que estas formas de organizações estão tipicamente situadas em locais periféricos quanto à produção de alimentos mais integrados aos mercados, em pequenas propriedades com mão de obra familiar e, muitas vezes, com tecnologias ultrapassadas, acrescidas às dificuldades como a infraestrutura de escoamento da produção e até o isolamento geográfico das unidades de produção.

Diante do exposto, esta pesquisa teve como objetivo analisar as agroindústrias familiares, tendo como elemento norteador o território, a partir de um estudo comparativo das regiões do Vale do Rio Pardo/RS (VRP) e da Associação dos Municípios do Oeste de Santa Catarina (AMOSC), ambas no sul do Brasil. Esta pesquisa justifica-se por considerar que as dificuldades e os limites que caracterizam a organização dos agricultores, tais como os aspectos legais e organizacionais das agroindústrias, demandam a relativização e vinculação com as questões políticas e históricas do setor, e com a sua capacidade de articulação regional e nacional na construção de redes eficazes de apoio mútuo. Esta pesquisa também é motivada para compreender as agroindústrias por meio de um viés interdisciplinar, destacando suas características e tendências mais recentes a fim de contribuir para a formulação de políticas públicas de desenvolvimento para a agricultura familiar.

O trabalho caracteriza-se pela abordagem qualitativa da pesquisa quanto aos dados, como pesquisa exploratória quanto aos fins, e como estudo multicaso quanto ao método. Além dos dados secundários para contextualizações regionais, utilizou-se de dados primários, por meio de questionário e considerou-se um universo de 257 agroindústrias, e a amostra por conveniência de 74 agroindústrias.

## **O Contexto das Regiões Estudadas**

A região do VRP, uma das unidades de análise deste estudo, tem atualmente como sua

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

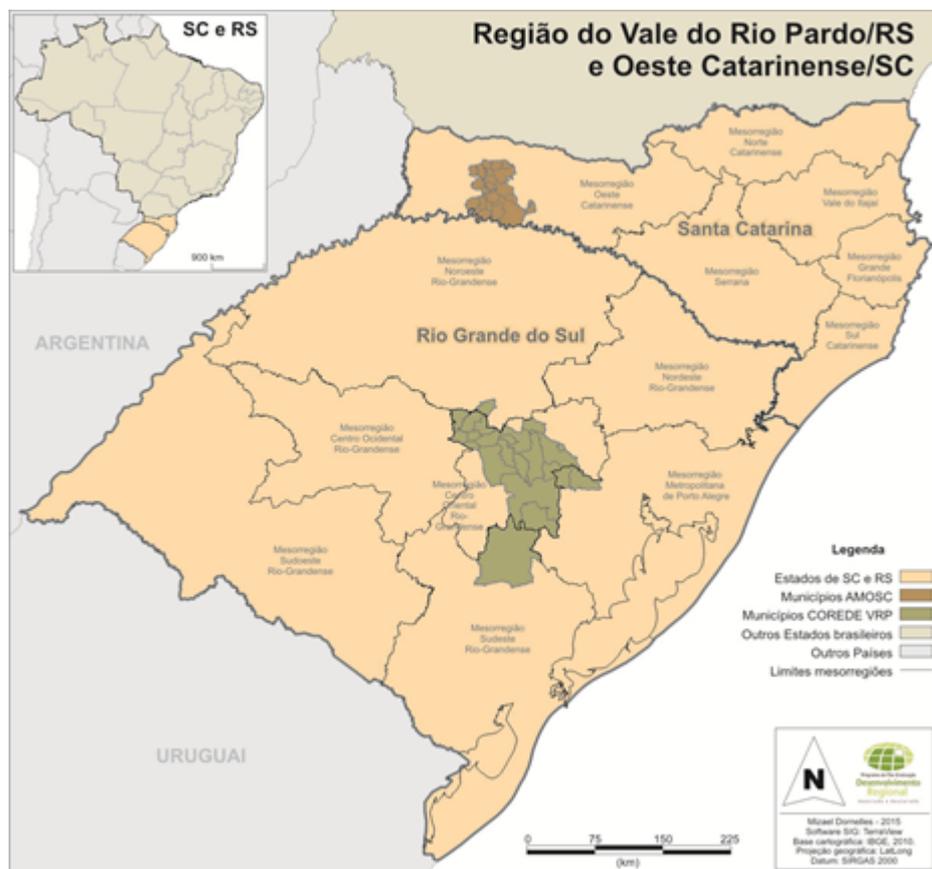
principal base econômica, a produção do tabaco, cuja produção é realizada por agricultores familiares em pequenas unidades de produção, em regime de integração com a indústria fumageira. A região apresenta desigualdades internas, que estão relacionadas ao processo de formação territorial e a suas características socioculturais, políticas e econômicas. As experiências para o desenvolvimento de uma agricultura sustentável na região, ainda são bastante incipientes, pois a produção do tabaco ainda continua hegemônica, sustentada por uma agricultura familiar com base nos princípios formatados pela Revolução Verde, da década de 1960.

A região da AMOSC, que constitui a segunda unidade de análise do estudo, é destacada produtora nacional de suínos, aves, leite e derivados, sendo berço das maiores empresas processadoras de carnes e derivados do Brasil (MIOR, 2003). A região possui 25% da superfície estadual, e responde por 50% do valor bruto da produção agrícola do estado de Santa Catarina. Sua principal base econômica baseia-se na produção familiar rural atrelada à indústria alimentícia do Oeste Catarinense. Este setor industrial, no entanto, tornou-se gradativamente seletivo, fazendo com que expressivos contingentes populacionais rurais migrassem para áreas urbanas locais, regionais e nacionais (TESTA, et al, 1996). As regiões destacadas podem ser visualizadas na Figura 1.

**Figura 1 - Áreas de estudo - Região do VRP e Região da AMOSC**



**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial



Fonte: adaptado de IBGE (2010)



Estas duas regiões caracterizam-se pela forte presença da agricultura familiar especializada na produção de matérias primas para as agroindústrias que mantêm conexões com o mercado global. Esta característica torna as agroindústrias singulares no estudo da ação das forças globais e as correspondentes repercussões no contexto regional. Ambas caracterizam *lôcus* privilegiados para ilustrar as dinâmicas socioeconômicas no território.

Estas regiões constituem exemplos no arranjo de sistemas de integração agroindustrial entre os grandes complexos agroindustriais e a agricultura familiar (KARNOPP, et al, 2015). E por outro lado, evidencia-se a busca de alternativas pelo número crescente de agroindústrias familiares que vêm sendo constituídas na AMOSC (FERRARI, et al, 2013) e na região do Vale do Rio Pardo (EMATER, 2014). Porém, por serem, na sua maioria, agroindústrias de pequeno

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

porte, estas agroindústrias familiares enfrentam dificuldades de organização e de gestão, o que compromete a sua sustentabilidade.

## **Apresentação e Discussão dos Resultados**

Ambas as regiões pesquisadas apresentam algumas semelhanças no perfil demográfico dos agricultores familiares. Entre os respondentes dos questionários, 60% são do gênero masculino, sendo que este resultado reflete a posição do gênero no papel de gestor. No entanto, Mior (2005, p. 199) adverte que a mulher agricultora ganha relevância, não somente na comercialização, pois a área da produção da agroindústria familiar também reserva lugar importante para sua atuação. Por outro lado, a tradição da produção artesanal por parte da mulher agricultora marca em muitos casos o ponto inicial para a ampliação da atividade em termos de escala e rearranjo produtivo da propriedade rural. As atividades de processamento dos produtos agroindustriais, muitas vezes são inicialmente realizadas de forma artesanal por membros do gênero feminino, que também mais trazem consigo as heranças do saber fazer.

Quanto à escolaridade, os respondentes cursaram predominantemente até o ensino médio, determinada pela ausência de um sistema de ensino difundido no território em período pretérito. Esta condição é aceitável, mas pode não ser suficiente para assegurar a continuidade dos empreendimentos, sobretudo pelos aspectos de modernização tecnológica. Amorim e Staduto (2007) advertem que a escolaridade possui maior potencial para conversão do capital humano em capacidade de gerenciamento, inovações de processos e de novas técnicas produtivas.

Observa-se que a constituição das agroindústrias é mais antiga na região do VRP, sendo em média acima de 25 anos, enquanto na região da AMOSC é mais recente, sendo em média menor que 25 anos. Na AMOSC ocorreu uma seletividade dos produtores ou exclusão dos integrados do complexo agroindustrial a partir dos anos 1990. No caso de ambas as regiões as atividades agroindustriais se estruturam no contexto familiar, na passagem de conhecimentos de geração para geração e com a utilização prioritária de mão de obra, envolvendo, portanto, muito raramente a mão de obra de terceiros. Entre as agroindústrias pesquisadas, a maioria é formalizada, sendo que 80% tiveram início da formalização em 1986. Em ambas as regiões as agroindústrias informais são menos visíveis, tornando os contatos mais difíceis e deve-se considerar a existência de isolamentos geográficos, em ambas as regiões, determinadas pela carência das vias de interligação regionais.

As atividades agroindustriais foram aprendidas com os pais e familiares na maioria dos

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

casos. Nesse caso, 64,9% dos respondentes do VRP e 50% dos respondentes da AMOSC afirmam que aprenderam o “saber fazer” com os pais e outros familiares ascendentes. A mão de obra é exclusivamente familiar em 59,5% das agroindústrias familiares do VRP e em 63,3% das agroindústrias familiares da AMOSC.

Como caracterização quanto à especialização e vocação regional, a região do VRP tem especialização produtiva no tabaco, enquanto a AMOSC concentra sua especialização na produção de leite e nos complexos agroindustriais de proteína da carne. O VRP tem sua dinâmica socioeconômica voltada para a produção do tabaco, e a AMOSC tem a dinâmica voltada para o cluster regional da agroindústria (Mior, 2005), na produção de alimentos.

Quanto à origem da matéria prima empregada nos processos produtivos das agroindústrias, pelo menos 50% da matéria prima é adquirida de terceiros em ambas as regiões. Na região do VRP 23,3% das agroindústrias pesquisadas atendem suas demandas com fornecimento exclusivamente familiar, enquanto na região da AMOSC, a mesma proporção é de 43,2%. Essa característica está relacionada à tipologia de produtos, tendo maior dependência para derivados do leite, de carnes e de panificados no VRP, e de derivados de leite e de carnes na AMOSC, sendo comum a formação de pequenas redes de fornecimento de matéria prima, com base em laços de vizinhança, familiar ou comunitário.

Outra caracterização entre as regiões diz respeito à cooperação. Na região do VRP as agroindústrias são mais individualizadas e se motivam como forma de aumento de renda familiar, configurando uma alternativa à produção do tabaco e aumento da renda familiar, em que apenas 10% dos respondentes são cooperativados. Por sua vez, a AMOSC apresenta maior tendência para a cooperação entre as agroindústrias, observado pela participação de 33% de cooperativados. A capacidade de mobilização dos produtores rurais - cultura cooperativa - constitui a essência do sistema cooperativo, que está muito presente no estado de Santa Catarina, inclusive no modelo agroindustrial. Observa-se, portanto, que a dinâmica desenvolvida nos arranjos territoriais é resultante da interação entre fatores endógenos e exógenos que ocorrem de forma simultânea.

No que se refere às compras de matéria prima e demais insumos, a cooperação entre as agroindústrias familiares não é uma prática muito frequente para 54,1% na região do VRP e 43,3% na AMOSC. Quando praticada, a cooperação para estas compras se realiza por meio de cooperativas e associações. Na AMOSC as mediações para tais compras são praticadas para 40% dos entrevistados contra 10,8% no VRP. Em ambas as regiões percebe-se a rivalidade entre as agroindústrias, em que 70,1% dos entrevistados vê as demais como concorrentes, contra 28,4% que as vê como parceiras. De forma geral, percebe-se que em ambas as regiões, os gestores das agroindústrias tendem para o individualismo, em que

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

40,5% dos entrevistados no VRP, e 66,7% dos entrevistados na AMOSC disseram não praticar a reciprocidade.

O aumento da renda é apontado por 81,1% dos respondentes da região do VRP, como motivação para a constituição da agroindústria. Por sua vez, na AMOSC, o aumento de renda é a segunda motivação para essa iniciativa, sendo a retenção dos jovens a principal motivação, o que constitui a perspectiva de continuidade das atividades das gerações anteriores por meio da sucessão familiar (MIOR, 2010). Nesse aspecto, ao comparar as regiões percebe-se que na AMOSC as motivações para industrializar com a intenção de reter os jovens na propriedade e derivada de estímulo de parceiros é significativamente maior que na região do VRP.

A atividade das agroindústrias familiares cumpre importante papel na geração de renda das respectivas famílias. A participação das agroindústrias é superior a 50% da renda bruta para 70,3% e 76,7% dos entrevistados, respectivamente, da região do VRP e da AMOSC. Neste sentido, o faturamento bruto médio das agroindústrias pesquisadas em 2013 foi de R\$ 117.807,35 e de R\$ 333.800,00, respectivamente no VRP e na AMOSC.

Quanto ao enquadramento jurídico, a configuração organizacional das agroindústrias na região do VRP é de empreendimentos predominantemente individuais, com 70,3%. Na AMOSC os empreendimentos individuais representam 50%. Nesta última há um número significativamente maior de estruturas organizacionais cooperativadas, com 33,3%, das unidades consultadas contra 8,1% no VRP.

Para a constituição da agroindústria, a AMOSC demonstra maior propensão ao risco, representada pela alavancagem financeira para constituição do empreendimento, que, quando em níveis seguros, é uma característica de perfil empreendedor. Quanto ao capital inicial para a constituição da agroindústria, as fontes de recursos na região do VRP eram de 73% de capital próprio, contra 43,3% na AMOSC, sendo a diferença em ambas as regiões, coberta com recursos de alguma forma de financiamento. Em ambas as regiões, aproximadamente um terço dos empreendimentos pesquisados reconhece o apoio dos incentivos municipais para a instalação de seus empreendimentos, em alguns casos, representam políticas públicas sólidas e contínuas de apoio a esta modalidade de produção.

As agroindústrias familiares pesquisadas destinam 95% de suas produções ao mercado, em média, sendo esta proporção um indicativo da condição familiar das mesmas. Mais de 80% dos entrevistados afirmam que os preços de seus produtos são menores ou iguais aos preços dos produtos similares das agroindústrias convencionais. Quanto ao mercado abrangido pelas agroindústrias, na região do VRP a abrangência local é de aproximadamente 60% e a

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

abrangência regional é de aproximadamente 38%, enquanto na AMOSC, 80% tem abrangência local e 46,7% tem abrangência regional. Observa-se que uma mesma agroindústria pode vender localmente e, ao mesmo tempo, ter mercados regionais. Em ambas as regiões, a principal fonte de receita das agroindústrias familiares advém da comercialização no município (61,2%) e no âmbito regional (22,4%).

No tocante às ações para inserção no mercado, entre as agroindústrias consultadas na região do VRP, 70,3% utilizam rótulos em seus produtos. Por sua vez, na AMOSC esta medida é adotada por 90% das agroindústrias consultadas. No VRP, 67,6% atendem as exigências de regularidade de fornecimento aos clientes, contra 90% na AMOSC. No entanto, na maioria dos casos não existe preocupação com a apresentação do produto e com planos de Marketing. A padronização é um problema identificado nas agroindústrias pesquisadas.

Em relação às condições de desempenho geral, a região do VRP apresenta baixo dinamismo, pois 51,4% das agroindústrias pesquisadas não aumentaram o processo produtivo, e nenhuma agroindústria pesquisada dobrou de tamanho. Para os próximos anos, 48,6% dos entrevistados na região do VRP têm perspectivas de aumento da produção e comercialização, e 27% não têm perspectivas de aumentos para esses propósitos. Por sua vez, a AMOSC apresenta dinamismo maior, pois somente 16,7% das agroindústrias consultadas não aumentaram a produção, e 6,7% dobraram seu porte e capacidade de produção. Dois terços dos entrevistados da AMOSC possuem perspectivas para aumentar a produção e comercialização durante os próximos anos, enquanto um terço não tem perspectivas de aumentos para esse fim.

As agroindústrias estudadas de ambas as regiões têm a mão de obra como o principal fator de restrição ao aumento e à diversificação da produção. A mão de obra é apontada também como a principal dificuldade e fator de restrição para a comercialização, com 55,2%, seguida pela concorrência e pela legislação, com 35,8% e 29,9%, respectivamente, em parte determinada pela redução no número de integrantes na família e pela expressiva migração especializada de jovens em período pretérito.

## **Considerações Finais**

Como alternativa ao desenvolvimento regional, inclusive quando se consideram as características socioeconômicas e fundiárias na região Sul do país, o desenvolvimento da agroindústria familiar tem importantes desdobramentos no território (MIOR, 2010), com a possibilidade de melhorias das condições de renda e qualidade de vida. Tendo em vista os

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

processos de reestruturação capitalista e a vulnerabilidade social e econômica observadas nas regiões estudadas, diversas iniciativas têm se voltado ao incremento da diversificação produtiva no âmbito da agricultura familiar.

Para este contexto são oportunas e fundamentais as ações focadas no desenvolvimento regional, e que possam gerar reflexões teóricas amparadas em experiências concretas. Tais ações também devem ser capazes de criar alternativas à globalização, particularmente sejam viáveis para as condições de vida no ambiente rural, compreendendo a viabilidade da agricultura familiar e a qualidade ambiental nos distintos territórios.

Nas regiões objeto deste estudo, várias estratégias de desenvolvimento, determinadas por dinâmicas econômicas endógenas, têm sido identificadas. As regiões tendem a se adaptar aos novos cenários de integração na produção e na sua organização, preservando as marcas da sua historicidade. Ao contrário das grandes agroindústrias convencionais da região que buscam insumos e matérias primas de terceiros e de outras regiões, as agroindústrias familiares potencializam, na medida do possível, a utilização de insumos e de matérias primas locais e regionais (MIOR, 2010), o que propicia a dinamização socioeconômica e cultural em níveis locais e regionais.

Nos momentos atuais, algumas configurações apresentam-se para o espaço regional dos municípios que constituem as regiões estudadas: os processos de desvitalização de expressivos espaços rurais determinados pelas mobilidades regionais, que têm causado uma homogeneização nas atividades econômicas; a estabilização e retração urbana de pequenas cidades; a concentração populacional em determinados centros urbanos de maior porte e surgimento de novas dinâmicas econômicas.

Em corroboração à constatação de Mior (2010), a criação das agroindústrias familiares consiste em um processo que reconfigura recursos, sendo este processo coordenado pela agricultura familiar, com apoio das organizações associativas e do poder público. A reconfiguração consiste na conversão dos produtos coloniais artesanais, originalmente destinados ao consumo de subsistência da unidade familiar rural, em produtos coloniais processados, que são percebidos pelos agricultores como produtos comerciais e como geradores de renda da unidade de produção familiar. Este processo promove a inserção dos agricultores familiares nos mercados, contribuindo com a geração estável de renda e proporcionando a melhoria das condições de vida nas propriedades rurais, inclusive quanto à sua perspectiva de continuidade social e produtiva.

No entanto, para que a trajetória da agroindústria familiar tenha continuidade, as unidades territoriais deverão ser capazes em responder aos desafios de manutenção e aprimoramento

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

dessas organizações, e simultaneamente, do fortalecimento da inserção regional, inclusive por meio de novas cadeias produtivas.

As limitações deste estudo residem na análise exploratória, a qual deverá ser adensada com a análise descritiva por meio de abordagens quantitativas de dados, cujas coletas serão complementadas. A amostra por conveniência em duas regiões é outra limitação, não sendo possível que os resultados apresentados neste artigo possam ser generalizados.

## Referências

ALVES, A. F., et al. Gestão para a sustentabilidade das cooperativas da agricultura familiar e economia solidária. In: Seminário Internacional - Experiências de Agenda 21: os desafios do nosso tempo. Ponta Grossa. 2009. Disponível em:

[http://www.eventos.uepg.br/seminariointernacional/agenda21parana/trabalho\\_cientifico/TrabalhoCientifico023.pdf](http://www.eventos.uepg.br/seminariointernacional/agenda21parana/trabalho_cientifico/TrabalhoCientifico023.pdf). Acesso em: 14 jun. 2016.

AMORIM, L. S. B.; STADUTO, J. A. R. Desenvolvimento territorial rural: estudo empírico sobre agroindústria familiar rural no Oeste do Paraná. In: LXV Congresso da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2007, Londrina, PR. **Anais...** Brasília: SOBER, 2007.

BAVARESCO, R. Ciclos econômicos regionais: modernização e empobrecimento no Extremo Oeste Catarinense. Chapecó (SC): Argos, 2005.

BERNARDY, R. J.; MONTEIRO, R. R.; ZUANAZZI, J. Território, planejamento e gestão: um estudo do Oeste Catarinense a partir da região da AMOSC. Chapecó: Pallotti, 2008.

BUAINAIN, A.M.; ROMEIRO, A.R.; GUANZIROLI, C. Agricultura Familiar e o Novo Mundo Rural. **Sociologias**, ano 5, nº 10, jul/dez 2003, p. 312-347

CASTILLO, R.; FREDERICO, S. Dinâmica Regional e Globalização: espaços competitivos agrícolas no território brasileiro. *Mercator*. v. 9, n. 18, p. 17-26, 2010. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/index.php/mercator/article/download/330/265>. Acesso em: 14 jun. 2016.

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

CORAZZA, G. Traços da formação socioeconômica do Oeste Catarinense. Anais do VII Encontro de Economia Catarinense: Crescimento e Desindustrialização. Florianópolis: 2013.

DORIGON, C. Mercados de produtos coloniais da Região Oeste de Santa Catarina: em construção. Tese (Doutorado em Ciências de Engenharia de Produção). Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2008.

DREHER, M. Igreja e germanidade: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1984.

FERRARI, D. L. et al. Agroindústrias familiares e construção social de mercados: situação atual e perspectivas a partir do estado de Santa Catarina, Brasil. In: VI Congresso Internacional Sistemas Agroalimentares Localizados. **Anais...** Florianópolis: Rede Sial. 2013.

FORTES, J. B. Os casais açorianos: presença lusa na formação do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1978.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. Editora Atlas, 4 ed. São Paulo, 2009.

GOULARTI FILHO, A. A formação econômica de Santa Catarina. Florianópolis: Cidade Futura, 2002.

KARNOPP, E, et al. O Território na Perspectiva do Desenvolvimento de Agroindústrias Familiares no Sul do Brasil. In: VII Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional, Santa Cruz do Sul: Unisc, 2015. v. VII. p. 1-17.

KONRAD, J.; SILVA, C. A. Agricultura familiar no Oeste catarinense: da colônia à integração. In: XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária: territórios em disputa - os desafios da Geografia Agrária nas contradições do desenvolvimento brasileiro. Uberlândia, 2012.

MIOR, L. C, et al. Redes e Agroindústrias: As inovações organizacionais dos agricultores familiares catarinenses e os novos mercados em Santa Catarina. In: 51 Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural, 2013, Belém. Anais ... Brasília: Sober, 2013.

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

[MIOR, L. C.](#) Agricultura Familiar, agroindústrias e desenvolvimento territorial. In: VIEIRA, P. F.; CAZZELA, A.; CERDAN, C.; CARRIÈRE, J. P. (Org.). Desenvolvimento Territorial Sustentável: subsídios para uma política de fomento. Florianópolis, SC: Associação Brasileira de Pesquisa e Ensino em Ecologia e Desenvolvimento (APED), 2010. p. 235-257.

\_\_\_\_\_. Agricultores familiares, agroindústrias e redes de desenvolvimento rural. Chapecó: Argos, 2005.

\_\_\_\_\_. A agricultura familiar, agroindústria e território: A dinâmica das redes de desenvolvimento rural no oeste catarinense. (Tese de doutorado), Programa de Pós Graduação

Interdisciplinar em Ciências Humanas - UFSC, Florianópolis, 2003.

[MOSSMANN SOBRINHO, P. G.](#) A Presença Teuta no Rio Grande Sul do Século XIX: Um lacônico estudo sobre as consequências econômicas, sociais e culturais. Semina. Ciências Sociais e Humanas (Online), v. 13, p. 32-44. 2014

PLOEG, J.D. Van der. O modo de produção camponês revisitado. In: **A diversidade a Agricultura Familiar**, SCHNEIDER, S (org.). Porto Alegre, Editora da UFRGS, pp 13-54, 2006.

RENK, A. Migrações: de ontem e de hoje. Chapecó: Grifos, 1999.

ROCHE, J. A colonização alemã e o Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Globo, 1969.

SANTOS JUNIOR, S. A influência dos fatores econômicos, institucionais e sociais na inserção das agroindústrias rurais no mercado: um estudo no Meio-Oeste de Santa Catarina. 2011. 216 f. Tese (Doutorado em Agronegócios), Programa de Pós-Graduação em Agronegócios, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2011.

SCHENKEL, C. A. (1997). Estudo de um processo cultural na relação entre os 'colonos' e a Sadia: o caso da micro-região do Alto Uruguai Catarinense. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade da Universidade Federal

**Eixo temático:** EIXO 2: Sistemas Produtivos e Desenvolvimento Territorial

Rural do Rio de Janeiro. Itaguaí – RJ.

[SOUCHAUD, S.](#); FUSCO, W. (2012). População e ocupação do espaço: o papel das migrações no Brasil. *Redes* (Santa Cruz do Sul. Online), v. 17, p. 5-17.

[SULZBACHER, A. W.](#) Agroindústria familiar rural: caminhos para estimar impactos sociais. In: XIX Encontro Nacional de Geografia Agrária, São Paulo. Formação e contemporaneidade da diversidade sócio-espacial no campo. São Paulo: USP, 2009.

TESTA, V. M, et al. O desenvolvimento sustentável do Oeste Catarinense: proposta para discussão. Florianópolis: Epagri, 1996.

TRAMONTINI, M. J. A questão da terra na fase pioneira da colonização. In: Mauch, C. Os alemães no Sul do Brasil. Canoas: Ed. Ulbra, 1994.

VOGT, O. P. A colonização alemã no Rio Grande do Sul e o capital social. Tese (Doutorado em desenvolvimento Regional). Santa Cruz do Sul: Universidade de Santa Cruz do Sul, 2006.

VOGT, O. P. Formação social e econômica da porção meridional do Vale do Rio Pardo. In: VOGT, O. P. e SILVEIRA, R. L. L. (Org). Vale do Rio Pardo: (re) conhecendo a região. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2001.

WAIBEL, L. Capítulos de Geografia Tropical e do Brasil. (2a ed.) Rio de Janeiro: IBGE, 1979.

WERLANG, A. A colonização do Oeste Catarinense. Chapecó: Argos, 2002.

WILLEMS, E. A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos alemães e seus descendentes no Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1946.

YIN, R. K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.